



## ACÇÃO DE EXTENSÃO FÊNIX: REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisca Bruna Sousa Araújo<sup>1</sup>  
Luana de Paula Duarte<sup>2</sup>  
Rejane Maria Gomes da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

A extensão universitária, em conjunto com o ensino e a pesquisa, compõe o tripé constitutivo da universidade, e é considerada o elo entre a academia e a comunidade, visto que proporciona o contato com as experiências extra-muros da instituição. Desse modo, este artigo objetiva apresentar a experiência da ação de extensão Fênix, realizada com o público da EJA. A ação em questão é vinculada ao programa de extensão Universidade, idealizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (GEPPU) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A metodologia adotada para a construção deste artigo corresponde ao relato de experiência. Para fundamentar a escrita deste trabalho utilizou-se os estudos de Freire (2014), Andrade (2004), Silva (2000), dentre outros. Partindo disso, foi elaborado a seguinte pergunta: como a utilização de temas geradores contribui para a construção crítico-reflexiva dos alunos desta modalidade de ensino? Diante disso, os resultados da ação extensionista sinalizaram que os sujeitos da referida modalidade, embora esta apresente alguns desafios em sua conjuntura, constroem a partir de suas realidades, reflexões críticas e sociais, resultando em um protagonismo estudantil que se estabelece diante da interação entre os alunos, isso através das rodas dialógicas realizadas durante a execução da ação de extensão, que ocasionou também numa maior visibilidade para a modalidade naquela referida instituição escolar. Em síntese, a ação proporcionou um olhar analítico sobre a EJA por parte das integrantes da ação, contribuindo também para a aquisição de conhecimentos, como a inserção de discussões acerca de temas ligados à realidade social das pessoas que compõem essa modalidade educacional.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária, EJA, Temas geradores.

### INTRODUÇÃO

A extensão universitária faz parte do tripé constitutivo da universidade (ensino, pesquisa e extensão), e é considerada o elo entre a academia e a comunidade, visto que proporciona o contato com as experiências extra-muros da instituição. Desse modo, o presente trabalho objetiva apresentar como se deu o processo de desenvolvimento da ação de extensão Fênix.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Anhanguera, Professora da Rede Pública Municipal de Sobral – CE, [brunasaraujo1104@gmail.com](mailto:brunasaraujo1104@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Professora da Rede Pública do Município de Sobral – CE, [luanapduarte2016@gmail.com](mailto:luanapduarte2016@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Educação, Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, [rejane\\_gomes@uvanet.br](mailto:rejane_gomes@uvanet.br).



Essa ação extensionista é fruto do processo de curricularização da extensão no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e é vinculada ao programa de extensão Universidade, idealizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (GEPPU). A ação foi desenvolvida durante a disciplina “Práticas Integradoras VIII” no semestre letivo 2022.2 do curso de licenciatura em Pedagogia da referida instituição.

Fênix foi realizada juntamente com uma turma mista - que possui diferentes níveis de aprendizagem - da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola da rede pública do município de Sobral, no Ceará. Entende-se que esta modalidade de ensino é destinada a jovens e adultos, que na maioria das vezes não conseguem concluir seus estudos na idade estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996).

Historicamente, a referida modalidade sofre desvalorização no âmbito educacional, no que diz respeito às políticas públicas destinadas à ela, quando comparado às demais séries da Educação Básica. A EJA sofre com a carência de recursos necessários, materiais didáticos, falta de formação qualificada para os profissionais, e de suporte para professores em salas com lotação de alunos.

Considerando esse contexto e a diversidade do público em questão, a ação fundamentou-se na perspectiva da Andragogia, que é considerada como a ciência responsável por desenvolver estudos ligados ao processo educacional do público jovem e adulto, buscando apresentar práticas assertivas no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem da EJA.

Dessa forma, quando se trata do ensino de adultos, através da Andragogia, o papel tradicional do professor não terá um lugar no processo de ensino, sendo necessário que ele transforme-se de um instrutor, em um agente de transformação, para que assim o aluno possa ser protagonista de seu processo de aprendizagem e de sua formação cidadã.

Dito isso, a ação de extensão Fênix traz em seu nome uma mensagem de renascimento, força, reconstrução, transformação e de olhar para si mesmo, buscando proporcionar reflexões específicas sobre o modo de agir e pensar a realidade a qual o sujeito está inserido, fazendo com que haja uma percepção de si mesmo nesses espaços. Portanto, ao longo deste artigo serão apresentadas as atividades desenvolvidas e resultados provenientes da ação realizada.

A partir disso, a ação se moveu no intuito de propor um processo de reconhecimento e valorização desses indivíduos, tendo como foco suas particularidades, atuando dentro das necessidades observadas, usando a realidade e as experiências desse público como instrumento principal de atuação e reflexão. Nesse sentido, foi elaborada a seguinte questão: como a



utilização de temas geradores contribui para a construção crítico-reflexiva dos alunos desta modalidade de ensino?

Partindo desse pressuposto, obteve-se como resultados, a percepção de como a utilização de temas geradores e práticas dialógicas no âmbito educacional da EJA, proporciona a reflexão crítica dos alunos, os tornando protagonistas de seus processos de aprendizagem. Diante disso, concluiu-se que a ação de extensão Fênix proporcionou às integrantes do grupo, um olhar mais analítico sobre a EJA, além de também atrair visibilidade para a turma de estudantes, por parte da instituição.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste trabalho trata-se de um relato de experiência, que é resultante do desenvolvimento da ação de extensão Fênix realizada com os estudantes da EJA. O relato de experiência é uma atividade de cunho acadêmico que objetiva apresentar os aprendizados adquiridos durante uma experiência vivenciada, como propõe o trecho a seguir:

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica. (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021, p. 65)

Nesse sentido, a ação foi desenvolvida com base na perspectiva da andragogia, ciência que estuda o desenvolvimento de aprendizagem dos adultos e traz reflexões sobre as atividades metodológicas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem da modalidade de ensino da EJA. Dessa forma, a ação fundamentou-se na utilização e elaboração de atividades voltadas para a realidade daqueles alunos, em que foram instigados a pensar e refletir sobre o seu papel enquanto cidadãos, suas individualidades e identidades.

Através de rodas de conversa, atividades práticas, de palavras e temas geradores, foram executados os encontros da ação, que ocorriam semanalmente durante os meses de agosto e setembro de 2022. Nos encontros eram traçadas discussões sobre cidadania, identidade, memórias e afetos, em que foi construída uma relação fortalecida pelo diálogo e trocas de experiências entre os envolvidos.

O diálogo é o veículo da transformação, sendo capaz de resultar na conscientização do indivíduo. Utilizar-se de práticas dialógicas e de trocas de experiências no ambiente escolar, faz com que os alunos reflitam criticamente sobre suas realidades e suas experiências. Isso se confirma também na obra de Paulo Freire "Educação como prática da liberdade" (FREIRE, 2014), onde o autor traz reflexões sobre a luta para o afastamento da educação mecânica, e a



busca da promoção da ingenuidade em criticidade, através do diálogo e das trocas entre o educador e o educando.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva emancipadora, requer um olhar atento para a realidade dessa modalidade de ensino, bem como dos indivíduos que a compõem, visto que historicamente a EJA enfrenta dificuldades no que diz respeito a sua valorização e visibilidade, o que influencia diretamente na implementação de políticas públicas para esta modalidade.

Dessa maneira, é pertinente considerar que quando se fala de EJA, a diversidade está diretamente atrelada a ela, uma vez que o público atendido por esta, se caracteriza pela pluralidade de contextos e realidades. Assim sendo, Andrade (2004) nos dá pistas acerca da variedade desse público:

A Educação de Jovens e Adultos abarca, em linhas gerais, processos formativos de natureza diversa, cuja efetivação se dá a partir da interação de uma variedade de atores, envolvendo, de um lado, o Estado, as organizações da sociedade civil e o setor privado, entre outros, e, de outro, uma gama de sujeitos tão diversificada e extensa quanto são os representantes das camadas mais empobrecidas da população (negros, jovens, idosos, trabalhadores, populações rurais etc.). Estamos falando de trabalhadores e não trabalhadores; das diversas juventudes; das populações das regiões metropolitanas e rurais; dos internos penitenciários, contingentes esses que, em sua grande maioria, são formados por jovens; afrodescendentes; como também portadores de necessidades especiais, entre outros. (ANDRADE, 2004, p. 1)

Considerando as afirmações acima, percebe-se a necessidade de se construir um ambiente que dialogue com a realidade de cada um desses sujeitos, fazendo com que a partir destas realidades haja espaço para reflexão e trocas de saberes, ocasionando assim, uma possível efetivação na aprendizagem destes atores sociais.

Dessa forma, para se construir este ambiente, é necessário a inserção de determinados temas no espaço de sala de aula, como por exemplo, identidade, cidadania e afetos, para que assim seja oportunizado momentos de reflexão sobre suas realidades, seus papéis sociais e suas relações e interações coletivas.

Trabalhar a identidade com público da EJA, é uma tarefa crucial para o processo formativo dessas pessoas, visto que esta temática evidencia a diversidade presente neste meio. Etimologicamente, a ideia de identidade está ligada a um conjunto de características que distingue um indivíduo ou uma coisa, que por meio das quais é possível individualizá-la. Desse modo, Silva (2000) nos apresenta alguns aspectos em relação ao que se pode considerar identidade:



[...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas relações com as relações de poder (SILVA, 2000, p. 96).

Traçar discussões acerca desse tema no espaço de sala de aula, faz com que o aprendizado dos alunos sejam baseados nas suas individualidades, ou seja, é um caminho para a inserção de suas realidades no seu ambiente de aprendizado formal, ocasionando assim, uma transformação no processo de ensino-aprendizagem, pois ele passa a ser construído a partir de diálogos e trocas de experiências, fortalecendo a interação professor-aluno, uma vez que a identidade se dá também através da relação entre os sujeitos (CARVALHO, 2014).

Tendo isso por base, verifica-se a fundamentalidade de discutir a respeito da cidadania no ambiente escolar da EJA, devido a heterogeneidade do público em questão, visto que se trata de jovens e adultos em diferentes contextos, como por exemplo, ambientes rurais, grupos sociais marginalizados, dentre outros, que muitas das vezes são vítimas da exclusão política, social, econômica e cultural.

Originalmente, a cidadania está relacionada aos direitos e deveres dos cidadãos, que se relaciona diretamente à consciência do ser social, cultural e político. Em vista disso, debater sobre cidadania no espaço educacional é uma possibilidade de conscientização e potencialização dos conhecimentos sociais, uma vez que isso implica nas relações que se estabelecem entre os sujeitos, como defende Vasconcelos (2007):

[...] cidadania também é resultado da assunção entre sujeitos, individuais e culturais, de relações horizontais, dialógicas e interativas, que, permeadas pela ética crítica, proporcionem, aos mesmos, a oportunidade de troca de aprendizados e a possibilidade de construir-se na construção alheia. (VASCONCELOS, 2007, p.13)

Diante disso, também se observa a importância de se construir um espaço de aprendizagem ancorada na dialogicidade dos afetos e da interação dos estudantes no espaço da EJA, dado que a afetividade é um processo que envolve sentimentos e emoções, e que proporciona manifestações de origens biológicas e psicológicas, que fortalecem o processo do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos.

Dessa forma, Almeida (2008) defende que a afetividade deve ser distinguida de suas manifestações, divergindo-se dos sentimentos, das paixões e das emoções, visto que a afetividade é um termo amplo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente, que possui diversas manifestações.

Assim sendo, constata-se que utilizar-se de métodos relacionados à afetividade na sala de aula, possibilita uma maior interação entre os indivíduos e suas realidades com o processo



formativo a qual eles participam, fazendo com que este seja reformulado e reforçado com práticas afetivas, como podemos observar no fragmento a seguir:

A afetividade como parte integrante do processo educativo não se restringe a práticas de abraços e beijos, pode e deve ser entendida como a disposição à escuta por parte dos professores, possibilitando as diversas manifestações de seus alunos e considerando seus contextos históricos e culturais, objetivando uma ação educativa inclusiva e dialógica. (FERNANDES; BANDEIRA; ALVARENGA, 2021, p. 64)

Nesse sentido, ao propor discussões acerca das temáticas elencadas acima no ambiente educacional, é oportunizar uma potencialização crítico-social-reflexiva dos indivíduos, dado que esses temas compõem a construção social e cidadã dos alunos, convertendo e/ou transformando suas percepções diante de suas realidades.

Portanto, trabalhar a identidade, a cidadania e a afetividade no espaço de ensino-aprendizagem da modalidade da EJA, é consideravelmente uma forma de fortalecer a resolução das demandas da modalidade, e reforçar a ideia de que a Educação de Jovens e Adultos não deve ser concretizada de maneira simplista e arcaica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ação de extensão Fênix, teve como base principal a temática “Identidade”, pois durante o período de observação ocorrido através de uma visita antecedida a escola, foi possível notar uma discreta carência de visibilidade dos alunos da EJA, em que esta poderia ser alcançada através do autoconhecimento e a construção de si no espaço que estão inseridos, em que apropriados desses saberes potencializadores, esses sujeitos se tornariam capazes de conquistar não apenas a visibilidade ausente observada, como podendo ir além.

Nesse sentido, as temáticas abordadas tiveram como base a proposta elaborada por Paulo Freire, que evidenciava a importância de basear-se na realidade das pessoas com quem se trabalha, trazendo os objetos de uso cotidiano, as opiniões e as histórias de vida desses indivíduos, de forma a compatibilizar e adequar as atividades com a realidade de cada um (LOPES; SOUSA, 2005).

No que se refere a turma em questão, em todo o processo de atuação foi contemplado as particularidades dos alunos e seus saberes individuais, levando em consideração também, as individualidades da turma como um todo, a qual se tratava da EJA mista e que por esse motivo apresentava uma diversidade de níveis de aprendizagem, exigindo formas variadas de atuação.

As temáticas trabalhadas seguiram uma sequência estratégica do desenvolvimento de construção de identidades, iniciando por: “Identidade dos Indivíduos”; “Identidade do Aluno da EJA”; “Cidadania”; “Meu Lugar”; “Gostos, Memórias e Afetos”; e por último a “Afetividade”.



Os temas apresentados ocorreram em dias isolados, sendo trabalhados através de dinâmicas e atividades lúdicas com o objetivo de fugir da rotina monótona de atividades impressas, promovendo momentos de interação entre a turma, buscando pôr em prática uma pedagogia mais humana, libertadora e fraterna, sinalizada através das atividades lúdicas colaborando com o papel do educador (FONSECA; PEREIRA, 2019).

Dos seis encontros realizados, os dois primeiros trabalharam a ideia de identidade em sua forma mais natural, representada pelas “Dinâmica de Apresentação”, a “Dinâmica dos Sonhos” e a “Dinâmica da Árvore da EJA”, discutindo essa ideia de composições de um ser que possui um nome, mora em um lugar (ou não), tem uma história, é criador de sonhos e que se faz por um conjunto de coisas, mas que não é limitado à elas, podendo mudá-las e refazê-las de acordo com os seus interesses, apresentando-se como esse sujeito de ações capaz de transformar sua própria realidade, sendo ela pessoal ou coletiva, como é o caso do estudante da EJA.

Coincidindo com isso, para dar seguimento a essa percepção de identidade, no terceiro e no quarto encontro da ação buscou-se trabalhar temáticas como “Cidadania” e “Meu Lugar”, observando que o indivíduo é construído também pelo meio em que está inserido (RABELLO; PASSOS, 2010). Continuamente o ser humano está a aprender e a ensinar, confeccionando assim, um ambiente repleto de saberes e influências, como questões políticas e culturais, que tanto educam e colaboram com a construção de indivíduos críticos e autônomos, como também corrompe o ser humano e o torna submisso aos caprichos sociais.

Trabalhar a consciência de cidadania, é prevenir uma sociedade e conscientizá-la de seus direitos e deveres, encorajado-a a lutar por eles e cultivar uma postura crítica e responsável com o seu papel civil, algo que veio à tona durante as discussões sobre esse assunto com a turma, fazendo link com as localidades de cada um, trazendo as experiências vivenciadas por eles em suas casas, ruas, bairros e comunidades pelas quais passaram na infância, ou mesmo na velhice. Resgatar essas memórias, foi a peça principal na discussão e na nova tomada de consciência proporcionada por esse momento de interação.

O resgate de memórias traz um fator importante na construção da identidade do indivíduo, a “Afetividade”, ela que é entendida não só como a presença de bons sentimentos, mas como também a ausência deles, que naturalmente surgem com as situações da vida, que diante dessa modernidade líquida faz-se necessário aprender a lidar com eles e construir-se a partir deles (BAUMAN, 2001), tornando-se um indivíduo conhecedor de si mesmo e apto a lutar por suas escolhas com força e propriedade, uma vez que ciente de si e do que se deseja, o indivíduo se torna fortalecido para trilhar seu caminho.



A abertura da “Caixa dos Sonhos”, construída durante o primeiro encontro, trouxe um momento oportuno que demonstra essa ideia de afetividade ligada à identidade na prática. Na abertura dos sonhos que ali estavam, foi compartilhado sonhos que durante a ação se concretizaram, outros que se desenvolveram e outros que surgiram com o tempo, demonstrando que durante toda a vida o ser humano vivencia uma construção cíclica de si mesmo, rodeado de conquistas e desafios que o move e faz com que ele esteja sempre em estado de aprendizado e descobertas, que não só colaboram com a sua vivência, como também com a do outro.

Durante o decorrer da ação utilizou-se o apoio da música, como instrumento de interação e acesso às particularidades dos indivíduos envolvidos, atravessando e afetando crítico e socialmente cada um deles, estes que em outros momentos podem partilhar tal vivência com outras pessoas e proporcionar à elas essa mesma troca, ou ainda, durante a escuta de alguma das músicas trabalhadas, fazer esse resgate e vivenciar novamente as sensações proporcionadas. Além disso, a música também possui um papel pedagógico quando guiada por objetivos ou propostas educativas, ela ajuda a expandir o conhecimento trabalhado e a construir novos saberes com base nas vivências dos alunos (ANDRADE; OLIVEIRA, 2019).

Ao observar o que foi desenvolvido e vivenciado durante a ação, reconhece-se que o trabalho na modalidade da EJA é desafiador e que costuma fazer o educador romper sua zona de conforto e buscar por metodologias e maneiras de realizar o seu fazer educativo, entretanto, simultâneo a isso, trata-se também de um trabalho prazeroso que envolve os sujeitos ali contemplados e que proporciona uma construção transformadora capaz de moldar realidades e afetar a todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das exposições, conclui-se que a ação de extensão Fênix, possibilitou a aquisição de conhecimentos e o contato com a realidade vivenciada na Educação de Jovens e Adultos, sendo perceptível a importância que ela representa para os jovens e adultos que ali se encontram, aliado ao fato de que essa modalidade influencia no desenvolvimento crítico-social dos estudantes em questão.

Ao se trabalhar as temáticas “Identidade” e “Cidadania”, no decorrer de algumas atividades, partindo de uma percepção sensibilizada através da Andragogia e ancorada numa perspectiva freiriana, buscou-se trabalhar no engajamento da realidade dos alunos, fazendo uma alusão com as atividades trabalhadas ao longo dos encontros, que buscava possibilitar a potencialização e conscientização.





Diante disso, constata-se que a referida ação propiciou um olhar analítico sobre a EJA por partes das integrantes do projeto, ao mesmo tempo que proporcionou um alerta à instituição sobre a modalidade, induzindo uma reflexão por parte de alguns profissionais e dos alunos referente a importância da EJA, juntamente com seu papel social para o desenvolvimento intelectual e conscientizador dos estudantes.

No decorrer dos encontros, foi possível estabelecer uma interação entre os alunos, através de rodas dialógicas que instigava a turma a interagir, por meio de conversações como modo de compreender a visão que eles tinham sobre cidadania, identidade e memórias afetivas, e através disso, compartilhar suas vivências, sonhos e experiências pessoais.

Dessa forma, conclui-se que a visibilidade que era objetivada, foi alcançada em ritmo processual, transformando a perspectiva dos alunos diante da modalidade de ensino em questão, o que pode levar a transformar também, a perspectiva da escola como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008.
- ANDRADE, Ana Tereza; OLIVEIRA, Graciete Maria de. A Utilização da Música na Educação de Jovens e Adultos. **Formação@ Docente**, v. 11, n. 2, p. 120-137, 2019.
- ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os sujeitos educandos na EJA. **Boletim**, v. 20, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- CARVALHO, Adenivan Mendes. **Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2014.
- FERNANDES, Marcos Vinicius Reis; BANDEIRA, Glaucio Martins da Silva; ALVARENGA, Marcia Soares de. Dialogicidade e afetividade como princípios para uma educação libertadora na EJA. **Educação e Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 56-70, 2021.
- FONSECA, Neide Pereira da; PEREIRA, Denilson Diniz. A Importância da Ludicidade na Prática Pedagógica Na Educação de Jovens E Adultos–Eja. **Formação Docente**, v. 11, n. 1, p. 81-94, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra, 2014.
- LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia. **Alfabetização Solidária (Alfasol)**, v. 5, p. 75-80, 2005.



MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Premissas para a elaboração de um relato de experiência como conhecimento científico. **Educacional Praxis**, v. 17, n. 48, pág. 1-18, 2021.

RABELLO, Elaine Teixeira; PASSOS, José Silveira. Vygotsky e o desenvolvimento humano. **Portal Brasileiro de Análise Transacional**, p. 1-10, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, p. 73-102, 2000.

VASCONCELLOS, Claudia da Camara Canto. **EJA e Cidadania: a construção de ações cidadãs no universo escolar da EJA no Ensino Fundamental**. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUCRS: Uruguaiana, RS, 2007.